

UMA FESTA PARA O SANTO DE AMARANTE EM UM QUILOMBO DO PIAUÍ: A RODA DE SÃO GONÇALO EM LAGOA DAS EMAS

*Vanderléia Lima da Silva**

*Alencar de Miranda Amaral***

RESUMO: No presente trabalho foi realizado o levantamento etnográfico sobre a Roda de São Gonçalo do Amarante, um folguedo de caráter festivo e religioso realizado na comunidade quilombola de Lagoa das Emas. O objetivo foi compreender a trajetória histórica desta manifestação cultural no povoado da Lagoa das Emas e discutir o patrimônio material associado a ela. Além disso, buscou-se apresentar os agentes sociais responsáveis pela realização da roda de São Gonçalo em Lagoa das Emas (as cantadeiras e os mestres), e compreender as alterações sofridas ao longo do tempo através de suas narrativas e memórias. A presente pesquisa se enquadra no âmbito da arqueologia pública, promovendo um diálogo entre comunidade e pesquisador a cerca do patrimônio cultural Roda de São Gonçalo. Foram realizadas ações na quais as pessoas da comunidade assumem o papel de protagonistas, e responsáveis pela valorização e preservação de seu patrimônio cultural.

Palavras-chave: Arqueologia Pública; Roda de São Gonçalo; Lagoa das Emas.

ABSTRACT: In the present paper, the ethnographic research about the Roda de São Gonçalo do Amarante was made, this celebration has a religious character is upheld by the Lagoa das Emas quilombola village. The objective was to understand the trajectory of this historical manifestation at the Lagoa das Emas site and the artefacts associated to it. Besides we search to introduce the social agents responsible for the realization of the Roda de São Gonçalo in Lagoa das Emas (the masters and the singers), and understand the alterations that happened over time in the narratives and memory. The present research fits in the Public Archeology teorys, promoting a dialogue between the community and the researcher involving cultural patrimony of the Roda de São Gonçalo. It had been fulfilled actions in which the population assumes the role of protagonists, and is responsible for the preservation and validation of their cultural patrimony.

Keywords: Public Archaeology; Roda de São Gonçalo; Lagoa das Emas.

* *Bacharel em arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf*
vanderleia.arqueo@gmail.com

** *Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco*
Univasfalencar.univasf@gmail.com

Introdução

O presente trabalho pautou-se no levantamento etnográfico sobre a Roda de São Gonçalo do Amarante, com vistas a analisar e compreender como se deu a chegada dessa manifestação no povoado da Lagoa das Emas. Buscou-se, também, apresentar os elementos da cultura material e os agentes sociais (mestres e cantadeiras) associados à organização desse folguedo, bem como discutir a importância da Roda de São Gonçalo para aquela comunidade.

O povoado de Lagoa das Emas é uma comunidade quilombola situada no entorno do Parque Serra da Capivara, a 18 km da cidade de São Raimundo Nonato – PI. O acesso se dá pela BR-020, no sentido à cidade de Campo Alegre de Lourdes – BA.

A Roda de São Gonçalo do Amarante é uma manifestação cultural introduzida em todo Brasil pelos colonizadores portugueses. É de caráter religioso e festivo que se destaca, mormente, na região Nordeste. Sendo realizada por um devoto que faz uma promessa ao santo de Amarante, e promove a roda para agradecer as bênçãos alcançadas (Falcão, 2006). No município de São Raimundo Nonato, a Roda de São Gonçalo ocorre no ambiente rural e urbano, porém é menos recorrente que outrora.

Tendo em consideração a legislação nacional, a Roda de São Gonçalo pode ser considerada como um bem patrimonial cultural, pois segundo a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade nos quais se incluem: I- as formas de expressão; II- os modos de criar, fazer e viver; III as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Por meio da observação e das histórias contadas pelas pessoas da comunidade pode-se perceber o quanto é dinâmico o processo de construção do patrimônio cultural no território quilombola em São Raimundo Nonato. Deste modo, estudar a Roda de São Gonçalo do Amarante é um meio importante e eficiente para se analisar e compreender a diversidade e especificidades das práticas culturais da comunidade de Lagoa das Emas.

É fato que a Roda de São Gonçalo acontece há pelo menos 80 anos na comunidade. Observando que atualmente a maior parte das pessoas que dançam são os adultos, um dos questionamentos iniciais que instigou a presente pesquisa foi analisar se a Roda de São Gonçalo estava perdendo importância como um evento lúdico e religioso capaz de construir e fortalecer as relações sociais entre os moradores do Território das Lagoas.

Apesar desse questionamento, com o decorrer da pesquisa pode-se perceber que a comunidade Lagoa das Emas elabora estratégias próprias eficazes de preservação e reprodução desse patrimônio. Pensando nessa problemática, um dos objetivos do presente trabalho foi compreender a Roda de São Gonçalo como patrimônio imaterial da comunidade

Lagoa das Emas, analisando os mecanismos de execução e reprodução desse saber popular, das músicas, gestos, indumentárias e dança que compõem esse rito.

Tendo sempre em consideração as narrativas e a memória das pessoas envolvidas com a Roda de São Gonçalo, buscou-se na análise deste bem cultural se apropriar dos preceitos teóricos metodológicos da Arqueologia Pública (Carvalho, Funari, 2007). Segundo Hodder (1999), arqueologia pública, para além de uma ação preservacionista ou de educação patrimonial, é uma prática de libertação e autonomia, pois permite o envolvimento das comunidades na construção do seu passado, além de promover a inserção de grupos socialmente marginalizados nas práticas de representação do seu patrimônio.

Em consonância com os preceitos teóricos e metodológicos da arqueologia pública (Funari, Oliveira e Tamanini, 2008), buscou-se, através da oralidade e da cultura material e imaterial, entender a dinâmica dessa manifestação cultural, bem como analisar as transformações na forma de se fazer a Roda de São Gonçalo na comunidade de Lagoa das Emas.

Assim, em consonância com Hodder (1999) e com os preceitos da arqueologia pública e colaborativa, defendeu-se a importância das comunidades terem voz ativa na realização e encaminhamento das pesquisas acadêmicas e procurou-se adotar essa perspectiva para realização do presente trabalho.

Em se pensando nos conceitos de arqueologia pública e propostas pós-processualistas¹, a intenção foi promover a multivocalidade na pesquisa. Proposta por Hodder (1999), essa perspectiva é uma forma de constituir novas interpretações arqueológicas para além dos discursos oficiais, sendo uma maneira de munir e estimular os grupos, que ficaram às margens da construção desses discursos, para que eles próprios realizem suas interpretações e representações sobre o passado e seu patrimônio cultural. Como se pode perceber, essa perspectiva se enquadra perfeitamente à realidade da Lagoa das Emas, uma comunidade quilombola que luta pelo reconhecimento dos seus direitos territoriais e valorização do seu patrimônio cultural.

Ao se pensar na legislação que ampara o patrimônio cultural e os territórios quilombolas², deve-se salientar que o quilombo é um lugar privilegiado de resistência e existência de várias manifestações culturais de matriz africana (Almeida, 2012). Sejam elas a fala, nomeações, danças, gastronomia e religiosidade que, embora tenham sofrido violentas repressões pelo processo de colonização, continuam extremamente fortes. Mesmo quando mesclados à

¹ O pós-processualismo faz uma reflexão crítica acerca das dicotomias que foram estabelecidas até então na arqueologia, e exclui ideias tais quais sujeito e material; material e imaterial; história e ciência, admitindo assim que esses parâmetros não podem ser separados, sendo eles constituintes de um todo é nesse caminho que se dá a ruptura hierárquica entre saber científico e saber popular, sendo que ambos os saberes são relevantes para a construção dos discursos e pertencentes a uma mesma coisa (Shanks & Hodder, 1995).

² O termo quilombo foi ressemantizado, entrando para o texto constitucional com dispositivos legais correspondentes, inicialmente, definido como direito à terra como suporte de residência e sustentabilidade, em núcleos populacionais compostos majoritariamente – não exclusivamente – de afrodescendentes, como define a CF/88, artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT. Em seguida, como conjunto de ações no âmbito de políticas públicas na perspectiva de ampliação de cidadania, em várias dimensões. Assim define a CF/88, no título I Direitos e Garantias Fundamentais, Título II, cap. II – dos direitos sociais; 3/ quilombo como conjunto de ações protetivas às expressões e manifestações culturais específicas, como estabelece a CF/88, em seus artigos 214 e 215, que versam sobre patrimônio cultural brasileiro (Lemos, 2014).

elementos advindos da colonização, como é o caso da Roda de São Gonçalo, permanecem extremamente importantes para a autoafirmação dos territórios quilombolas.

Ao se pensar em fazer um trabalho com comunidades quilombolas umas das primeiras dificuldades encontradas foi a bibliografia para compor a pesquisa, pois a temática ainda é pouco explorada no sudeste do Piauí. Além disso, existem poucas pesquisas no âmbito da arqueologia brasileira que realmente trabalhem com as comunidades quilombolas. Geralmente os trabalhos ligados as comunidades quilombolas estão ligados a antropologia, história, geografia, em certa medida, devido aos processos de demarcação do território quilombola. Sendo os Estados Unidos o principal cenário para as pesquisas associadas a arqueologia da resistência e arqueologia da escravidão (Borba, 2013).

Neste contexto é importante se entender que o quilombo é um local de emancipação e resistência. Novamente se reforça o discurso da arqueologia pública, já que essa abordagem permite pensar o território quilombola como espaço de ações de resistência e liberdade de grupos de famílias que hoje se reafirmam com descendentes de pessoas que foram escravizadas (Almeida, 2012).

Vale ressaltar a relevância das pesquisas arqueológicas em comunidades quilombolas, pois o conhecimento gerado muitas vezes pode ser utilizado como ferramenta fundamental dos direitos desses povos e, particularmente, de garantias de terras. Em todo mundo os arqueólogos vêm sendo chamados a se posicionar frente às questões relativas a definição de territórios de populações tradicionais e patrimônio arqueológicos encontrados naqueles locais.

Metodologia

Com esses preceitos em mente, o primeiro contato com as pessoas da comunidade Lagoa das Emas se deu em março de 2017. Inicialmente, em decorrência das atividades de extensão do PET³ da Univasf, foram realizadas duas visitas, de cerca de duas horas, por semana (as terças e sextas feiras); e nos últimos meses também se passou a ir para o território quilombola nos fins de semana para realizar mais entrevistas e construir a documentação imagética (fotos e vídeos) da Roda de São Gonçalo. Nestas ocasiões, optou-se pela utilização da clássica observação participante (Agrosino, 2009), que permitiu uma descrição etnográfica densa⁴.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e, às vezes, entrevistas informais ou livres de forma que o entrevistado se sentisse mais confortável. O público alvo foi composto de mestres, cantadeiras, dançarinos e pessoas idosas, ao todo dez pessoas, muitas delas foram

³ Programa de Educação Territorial, São Raimundo além dos 100 anos.

⁴ A descrição etnográfica pode ser definida como a transcrição das culturas possibilitada pela atividade de observação; é, antes de tudo, “escrever o que vemos”(Laplantine, 2004, p. 10). Praticar a Etnografia é elaborar uma descrição mais densa sobre o que um grupo de pessoas faz e o significado desses atos para elas, considerando o contexto em que vivem (Geertz, 1989). Segundo Laplantine (2004, p. 20), a descrição etnográfica vai além da percepção exclusivamente visual, pois mobiliza “a totalidade da inteligência, da sensibilidade e até da sensualidade do pesquisador”. A Etnografia é, antes de tudo, uma imersão total, um mergulho em outra cultura, em que se deve compreender uma sociedade, não nas suas evidências exteriores, mas nas significações que os indivíduos expressam por meio de seus próprios comportamentos (Laplantine, 2004). Padronizar fonte e formatação.

indicadas pela própria comunidade. O levantamento etnográfico⁵ buscou identificar tanto os elementos da cultura material, como as vestimentas, artefatos/objetos associados a Roda de São Gonçalo, quanto as representações da cultura imaterial, como os passos de dança e as músicas. Deste modo, almeja-se, com o prosseguimento das pesquisas na área, contribuir para elaboração do inventário cultural do Território Quilombola das Lagoas⁶.

Histórico da Roda de São Gonçalo no Brasil

Realizada em Portugal desde o século XIII, as festas dedicadas a São Gonçalo⁷ chegaram ao Brasil no início do século XVIII, com os fiéis do santo de Amarante. Sendo realizadas no interior das igrejas de São Gonçalo, em 10 de janeiro, data de sua morte em 1259. Em Portugal, o festejo era chamado de Festa das Regateiras, pois era grande a participação de mulheres que queriam se casar (Santos, 2009).

A Roda de São Gonçalo talvez possa ser descrita como uma dança com ação religiosa, uma oferenda litúrgica. Sendo que as promessas não eram só para moças que queriam casar, mas também para os enfermos, especialmente do estomago e ventre (Pellegrini, 1990).

Segundo Câmara Cascudo, as primeiras aparições da Roda de São Gonçalo do Amarante no Brasil aconteceram na cidade de Salvador, em janeiro de 1718. A festa de São Gonçalo acontecia dentro da igreja, onde a dança era acompanhada por guitarras e gritarias de frades, mulheres, fidalgos, escravos, num “saracoteio delirante”(Cascudo, 1969); no final os bailarinos tomaram a imagem do santo do altar e dançaram com ela. Logo após distúrbios ocorridos em Salvador, em decorrência da realização das festas do santo de Amarante, Vasco Fernandes César Menezes, proibiu a dança de São Gonçalo na região.

Nuno Marques Pereira, governador da cidade de Salvador, presenciou várias vezes festas em honra a São Gonçalo, que aconteciam nas ruas da cidade. Segundo seus relatos, era comum ver, homens brancos, mulheres, meninos e negros com violas, pandeiros e adufes, em grande algazarra dando vivas e revivas ao santo. Por isso mandou proibir a prática, com graves penas aqueles que se achassem em semelhantes festas tão desordenadas.

⁵ Segundo Marconi & Pressotto (1992: 32), o método etnográfico refere-se à análise descritiva das sociedades humanas, principalmente das primitivas ou agrafas de pequena escala, mesmo o estudo descritivo requer alguma generalização e comparação, implícita ou explícita, refere-se aspectos culturais, consiste no levantamento de todos dados possíveis sobre sociedades agrafas e rurais, e na sua descrição com a finalidade de conhecer melhor o estilo ou a cultura específica de determinados grupos.

⁵ São Gonçalo foi um frade que para evitar o crescimento da prostituição na cidade de Amarante em Portugal, saía com sua viola na mão dançando e cantando, interagindo com as mulheres de forma que assim elas não tomassem o caminho da vida devassa. O culto a esse santo português foi permitido pelo papa Júlio III, 24 de abril de 1551.

⁵ Em 1940, por exemplo, existiam municípios com o nome de São Gonçalo no Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e no Piauí usou-se o nome da cidade natal do santo de Amarante (Cascudo, 1969).

⁶ O termo inventário significa encontrar, tornar conhecido, identificar, e, portanto, descrever de forma acurada cada bem considerado, de modo a permitir a sua adequada classificação. Já a referência cultural é usada como identificação indireta de algo por meio de fato, objeto ou personagem conhecido, alcunhada com o objetivo de apresentar realidades como os valores e as significações enraizados nas práticas sociais, que ademais de intangíveis/imateriais, muitas vezes, não chegam a ser explicitados ou nem mesmo afloram à consciência dos atores sociais (Vianna, 2006).

A popularidade de São Gonçalo, e da festa em sua homenagem, tomou dimensões inesperadas. Para além de uma dança proibida, se tornou nome de municípios espalhados por alguns estados do Nordeste⁸, e suas imagens eram cultuadas em muitas casas e igrejas no interior nordestino.

São mais comuns, duas maneiras de reproduzir o santo violeiro. São Gonçalo do Amarante representado à moda das vestimentas camponesa portuguesa da época, ou seja: calção preso pouco abaixo do joelho, meia preta, bota braguesa (para andar em local úmido), chapéu na cabeça, capa azul nas costas e viola na mão⁹ (Santos, 2009). Esta representação (Figura 1) de São Gonçalo é a mais popular entre os grupos que fazem os folguedos em honra ao santo, por ser uma imagem mais descontraída.

Já a imagem normalmente encontrada nos templos é a de São Gonçalo Padre. Sendo o santo representado de batina, crucifixo no pescoço, chapéu de padre, sapatos (que não eram sapatos comuns, pois tinham pregos que furavam seus pés e serviam de penitência durante a celebração de sua missa, onde cantava, tocava e dançava) e sem viola (Figura 2).



Figura 1: Imagem de São Gonçalo Violeiro. A autoria: Alencar Amaral, 2018.



Figura 2: Imagem de São Gonçalo - Padre A autoria: <https://igrejaogaoncalo.weebly.com> acessado 20/06/2018.

⁸ A justificativa encontrada para a representação do Santo com estas vestes, deve-se a construção de uma ponte na região onde viveu, pois São Gonçalo trabalhava na construção da ponte e após ia tocar viola para a conversão dos "pecadores".

Roda de São Gonçalo na comunidade Lagoa das Emas.

No que concerne a transformação da Roda de São Gonçalo esta pesquisa visa descrever etnograficamente as Rodas de São Gonçalo que ocorrem na comunidade Lagoa das Emas; uma comunidade quilombola localizada no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, a 18 km da cidade de São Raimundo Nonato – PI. Importante ressaltar que o território Lagoa das Emas faz parte do complexo quilombola das Lagoas (Figura 3). Uma comunidade grande, com aproximadamente 1.200 famílias, todas descendentes da família Marques, que foram os primeiros que chegaram à comunidade rural, cuja renda familiar vem da agricultura e pecuária. Salienta-se que o processo de reconhecimento do Território quilombola de Lagoas se inicia na fazenda São Victor¹⁰, uma comunidade que atuou significativamente nesse processo de reconhecimento do território.

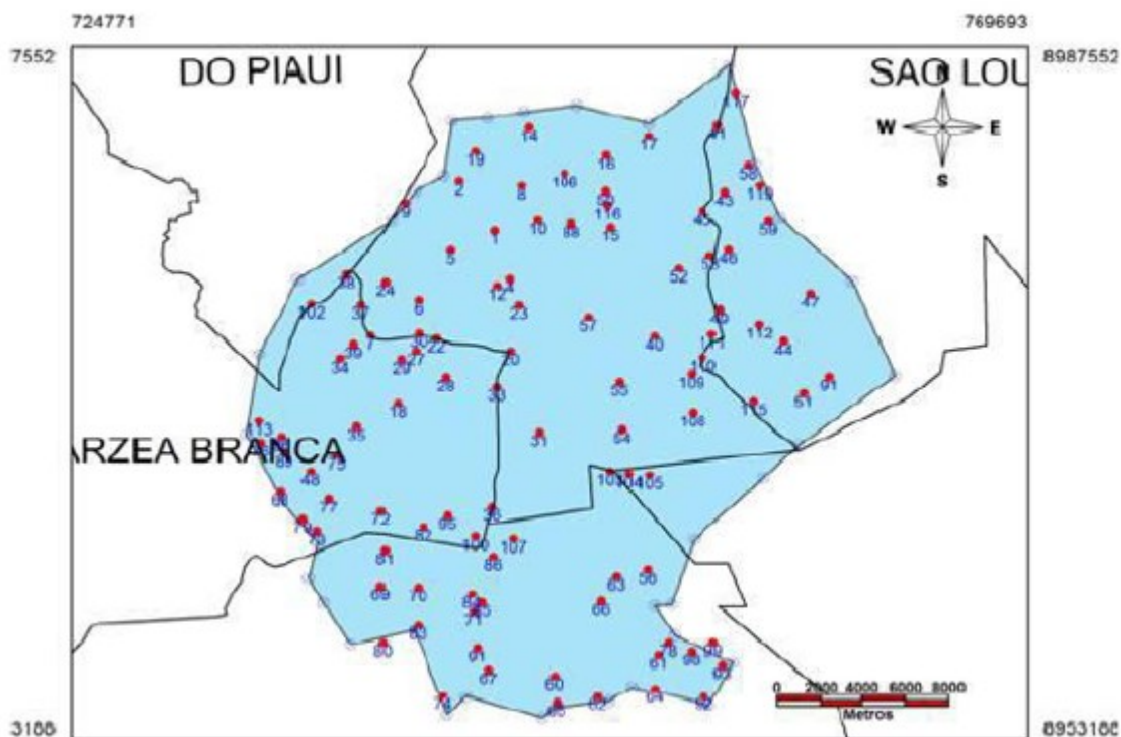


Figura 3: Cartograma do Território Quilombola das Lagoas. Fonte: RITD-IN CRA, 2010.

A ocupação da área onde atualmente está instalada a comunidade de Lagoa das Emas teria se iniciado com a vinda de José Pereira dos Bons Olhos¹¹, o primeiro morador da localidade que teria construído a barragem que deu o nome a comunidade Lagoa das Emas¹². Segundo os relatos orais, José Pereira foi um grande agricultor, e cultivava de tudo um pouco (milho, feijão, abóbora, mandioca até mesmo arroz), e após a colheita vendia os alimentos na feira que acontecia na cidade de São Raimundo Nonato. A fertilidade das terras em Lagoa das Emas

¹⁰ Fazenda escravista, com sítios arqueológicos e paleontológicos (Assis, 2013).

¹¹ José Pereira dos Bons Olhos, fundador e primeiro mestre de São Gonçalo foi quem introduziu a dança na comunidade.

¹² Conta-se que esse nome foi escolhido, pois na barragem existiam várias seriemas.

fez com que crescesse a procura por terrenos no local, e assim, pessoas vinham de outros locais atraídos pela possibilidade de grande fartura na agricultura.

Atualmente a comunidade Lagoa das Emas pode ser caracterizada como um núcleo populacional rural dentro do território quilombola das Lagoas¹³. Além da Roda de São Gonçalo, estão presentes na comunidade outros tipos de manifestações culturais, como a capoeira de quilombo, dança afro e o reisado.

Segundo relato dos moradores, a Roda de São Gonçalo se inicia na comunidade com o mestre Jose Pereira dos Bons Olhos, que saiu da localidade Moisés¹⁴ e fez morada na Lagoa das Emas. Ele teria ensinado a prática do folguedo para seus filhos Raimundo Pereira Marques e Raimunda Pereira Marques, atualmente os mais velhos da comunidade. Dona Raimunda tem 85 anos, é uma figura de grande admiração e respeito na comunidade sendo a matriarca da família Marques. Foi uma das principais cantoras da festividade na região, mas atualmente, devido sua idade e sua saúde um pouco debilitada, não participa mais das rodas, porém ensinou os cantos para muitas mulheres da comunidade, principalmente para suas filhas.

Raimundo Pereira Marques, 75 anos, é mestre da Roda de São Gonçalo. Iniciou-se no folguedo ainda muito jovem com seu pai José Pereira Bons Olhos, apenas como dançarino, mais por sua vontade e persistência se tornou mestre, cargo que ocupa há mais de 30 anos. Ele já realizou oficinas para ensinar as crianças da comunidade como deve ser a Roda de São Gonçalo. Foi o responsável por treinar e ensinar o mestre Zacarias Santos.

Zacarias Santos e Raimundo Marques são os atuais mestres de Roda de São Gonçalo em Lagoa das Emas e, junto com as cantadeiras, são os responsáveis por manter a tradição viva na comunidade, fazendo as rodas com certa frequência. Como o dia do São Gonçalo do Amarante é 10 janeiro os mestres procuram realizar a Roda nessa data, porém, como São Gonçalo também é um santo casamenteiro, se faz a dança em outras datas para moças solteiras conseguirem um esposo, ou para se pagar uma promessa.

Mestre Raimundo Marques, costuma dizer que não tem uma quantidade definida de participantes na roda de São Gonçalo. Começando a Roda todo mundo dança, do mais novo ao mais velho, é um folguedo democrático e como quase todos da comunidade idolatram o santo, toda vez que é realizada, a Roda se transforma em uma verdadeira festa comunal.

Resultados

Em Lagoa das Emas a Roda de São Gonçalo não tem lugar certo para acontecer, chamando o mestre e os dançarinos a dança ocorre em qualquer lugar. Porém, é importante que o local para que a Roda aconteça seja amplo e tenha espaço, pois geralmente são muitos os dançarinos. A única preferência é que a dança seja feita no fim da tarde ou no começo da noite, quando o Sol esteja menos abrasador, e as comemorações possam se estender após o

¹³ “Território Quilombola das Lagoas”, em alusão a grande quantidade destas na região. Desse modo, pode-se perceber a importância e a influência desse ambiente no que diz respeito não só ao meio natural, mas também cultural (Vieira, 2015:32).

¹⁴ Comunidade quilombola que faz parte do Território Quilombola das Lagoas.

término da homenagem ao santo. Quando a Roda é encerrada as músicas e danças populares, como o forró, começam a ser executadas pelos próprios músicos e dançarinos que compõem o folguedo.

Mestre Raimundo deixa claro que enquanto viver vai guiar a Roda de São Gonçalo. Sua devoção ao santo é admirável. Ele relata que já realizou o folguedo em vários lugares para além da comunidade; já dançou em Teresina, Bonfim do Piauí, no museu do Homem Americano e quer continuar levando essa tradição para outros lugares.

Importante salientar que a dança em Lagoas das Emas sofreu um processo de modificação. Há mais de 70 anos que ela ocorre no local, sofrendo assim alterações no tempo, até porque não se tem cultura imóvel e estática, ela se modifica, porém não perdendo seu caráter festivo de fé. As modificações ocorreram nas cantigas, alguns passos da dança, nos arcos e indumentárias utilizadas (Silva, 2017).

A Roda de São Gonçalo atual pode ser pensada como um elemento catalisador da coletividade e resistência negra na comunidade de Lagoa das Emas. Como problematizado por Lima (2011), as manifestações culturais são elementos formadores de uma coletividade, podem se apresentar e serem abordadas, nas formas mais diversificadas dentro das perspectivas arqueológica, antropológica e histórica. Além disso, por serem elementos geridos e gestados em um território quilombola, essas manifestações culturais também podem ser entendidas como uma expressão de resistência ao sistema escravocrata, que buscava desumanizar e reprimir a fé, a criatividade e a alegria das pessoas submetidas à escravidão.

Deste modo, na comunidade quilombola de Lagoa das Emas, a Roda de São Gonçalo auxilia na construção e manutenção tanto do sentimento de comunidade, quanto de valorização da ascendência negra. Porque, apesar de nem todos os membros da comunidade dançarem ou atuarem efetivamente para a execução da roda, a grande maioria participa, mesmo como espectador ou público que, ocasionalmente, ajuda a cantar e bater palmas para marcar o ritmo ou estimular os dançarinos. Assim, tudo isso remete a coletividade e afetividade que se manifestam durante a Roda de São Gonçalo.

No que tange aos instrumentos musicais utilizados na Roda de São Gonçalo são eles violões, sanfona, pandeiro, triângulo e zabumba (Figuras 4 e 5). Os instrumentos são poucos, há apenas uma sanfona, um pandeiro, um triângulo e uma zambumba, que não pertencem ao grupo de São Gonçalo. Todos os instrumentos pertencem a associação de moradores que e estão disponíveis e são utilizados por outros grupos culturais da comunidade como, por exemplo, grupo de Capoeira ou de dança Afro.



Figura 4: Zabumba, Sanfona e pandeiro. Autoria: Vanderléia Silva, 2017.



Figura 5: Zabumba, Sanfona e Triângulo. Autoria: Vanderléia Silva, 2017.

Alguns grupos que dançam em homenagem a São Gonçalo têm indumentárias específicas para apresentação na Roda, o que hoje em dia não é observado em Lagoa das Emas. Segundo os

dançarinos da comunidade, antigamente se tinha uma indumentária específica, se referindo as roupas coloridas que eram utilizadas apenas para a realização do folguedo, porém com o tempo as roupas foram ficando velhas, se perdendo e eles não tiveram condições financeiras de substituí-las. Atualmente se dança com roupas do dia a dia (Figura 6), porém as mulheres procuram dançar com saias coloridas para dar mais movimentos aos passos (Figura 7).

A estátua de São Gonçalo do Amarante normalmente utilizada nas Rodas da Lagoa das Emas é aquela que representa a imagem do santo camponês com viola, sendo sempre colocada em um altar defronte aos dançarinos. Porém, o mestre Raimundo conta que a imagem do santo é importante, mas não fundamental para a realização da festa, que ele já fez muitas jornadas sem o santo e o que vale mesmo é a fé.

A representação do santo tem cerca 30 cm, é feita de gesso e pintada de tinta acrílica, nas cores rosa, vinho, preto, castanho claro, verde e prata, sendo pouco detalhada e com marcas de desgaste causadas pelo tempo (Figura 8). O santo pertencia a mãe de Dona Mercês, que morava na comunidade do Boi Morto, sendo a única imagem disponível nas proximidades e por isso está sendo utilizado pelo grupo do mestre Raimundo, porém o santo está de posse da Dona Mercês. Talvez a existência de uma única imagem na comunidade e as limitações financeiras para conseguir outras imagens, expliquem o fato do senhor Raimundo informar que já realizou muitas Rodas sem a presença da estátua do santo de Amarante.



Figura 6: Vestimenta masculina. A autoria: Vanderléia Silva, 2017.



Figura 7: Vestimenta Feminina. Autoria: Vanderléia Silva, 2017.



Figura 8: Imagem de São Gonçalo do Amarante utilizada na Roda em Lagoa das Emas. Autoria: Vanderléia Silva, 2017.

Entre as alegorias utilizadas na Roda de São Gonçalo destacam-se os arcos feitos por cipós (Figuras 9 e 10). Segundo mestre Raimundo esses são os elementos mais importantes para composição da roda, pois todos os passos se dão com a junção dos arcos. O cipó de cesto, como é conhecido popularmente, é uma planta encontrada na caatinga e é coletado no próprio território quilombola, sendo também utilizado para fazer artesanato, como cestos, esteiras e chapéu. O responsável pela coleta é o mestre Raimundo, e geralmente o cipó é recolhido horas antes da roda acontecer.



Figura 9: Coreografia com os arcos de cipó. Autoria: Vanderléia Silva, 2017.



Figura 10: Evoluções com arcos de cipó para alto. Autoria: Vanderléia Silva, 2017.

Ao descrever os artefatos pode-se observar o valor simbólico que cada um deles possui, bem como a sua ação social, o sistema de cooperação e as redes de solidariedade que existem dentro da comunidade. Já que o grupo de São Gonçalo não possui os próprios instrumentos e o santo é de uma moradora da comunidade vizinha, pode-se perceber um sistema de trocas e compartilhamento de bens acontecendo, com a finalidade de viabilizar a execução da roda, demonstrando o papel da Roda de São Gonçalo como elemento aglutinador e promotor das relações sociais e dos vínculos comunitários entre os moradores do território quilombola das Lagoas.

Considerações finais

Com a realização desse trabalho espera-se que o material audiovisual produzido com a colaboração dos moradores possa também ser um instrumento na luta pela demarcação das terras do território do quilombo e valorização do patrimônio cultural local. Também é relevante frisar que o material possibilita ações futuras vinculadas aos processos de musealização, preservação e registro junto ao IPHAN, desse bem patrimonial que é a Roda de São Gonçalo.

Nossas expectativas foram superadas, visto que, para além de uma pesquisa que visava classificar objetos através de um levantamento etnográfico, o trabalho foi se enveredando pela arqueologia pública e colaborativa, possibilitando que o objeto de estudo não se limitasse apenas a roda de São Gonçalo. Foi essencial à pesquisa incluir as pessoas que fazem parte da roda, e com isso, construir um sentimento de pertencimento, assim como uma responsabilidade afetiva de como a história do folguedo está sendo escrita pela comunidade de Lagoa das Emas.

A própria comunidade acolheu o projeto e os questionamentos da pesquisa foram sanados. Acredita-se que isso só aconteceu por terem sido utilizados os preceitos teóricos e metodológicos atinentes a uma arqueologia socialmente engajada, que vai além dos nossos desejos e objetivos como pesquisadores e que considera as demandas e necessidades das pessoas que colaboram com a pesquisa. Neste mister, o emprego e aceitação da “multivocalidade” não apenas enquanto um conceito, mas sobretudo como uma *praxis* acadêmica capaz de dirimir as assimetrias entre “observador e observado”, nos auxilia a extrapolar os procedimentos e objetivos clássicos da “observação participante”, e nos aproxima construção de uma Arqueologia verdadeiramente pública e colaborativa.

Portanto, compreender que o processo de memória coletiva e construção da roda de São Gonçalo não se limita a comunidade Lagoa das Emas, mas sim a todas as comunidades que pertencem ao Território Quilombola das Lagoas, é um desafio a ser encarado com a continuidade dos trabalhos junto às comunidades.

Assim, publicizamos nesse artigo, e também na monografia do qual esse trabalho se origina (Silva, 2017), nossa admiração e respeito por todos aqueles que se dispuseram a colaborar com esta pesquisa e compartilhar suas histórias e saberes. Sendo essa não apenas mais uma forma de agradecer a todos, e tentar romper as distâncias que separam a academia e as

peças que nem sempre têm acesso ao ensino formal, como também de firmar nosso compromisso com a continuidade dos trabalhos colaborativos e com as pessoas dessa comunidade.

Referências

- AGROSINO, M. 2009. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed.
- ALMEIDA, F.A. 2012. Terra de quilombo: Arqueologia da Resistência e Etnoarqueologia no território Mandirá, município de Cananéia/SP. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo.
- ASSIS, N. P. D. 2013. Projeto de Extensão Patrimônio Cultural e Turismo Comunitário em áreas quilombolas: o sítio arqueológico e paleontológico Lagoa de São Vitor sob a ótica da ciência e da sabedoria popular. Edital PIBEX, Petrolina, Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco.
- BORBA, M. F. 2013. Arqueologia da Escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul (Santa Catarina). Dissertação (Mestrado Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural), Programa de Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville.
- CARVALHO, A. V; FUNARI, P. P. A. 2007. Arqueologia e Patrimônio no século XXI: as perspectivas abertas pela Arqueologia Pública. In: Anais do III Encontro de História da Arte. Campinas: IFCH/UNICAMP.
- CASCUDO, L. da C. 1969. Dicionário do Folclore brasileiro. Rio de Janeiro: MEC.
- FALCÃO, C. R. 2006. A Dança de São Gonçalo da Mussuca. Rio de Janeiro: UNI revista. v. 1, n. 3.
- FUNARI, P. P.; OLIVEIRA, N. V.; TAMANINI, E. 2008. Arqueologia Pública no Brasil e as Novas Fronteiras. Praxis Archaeologica 3, p. 131-138.
- GEERTZ, C. 1989. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A.
- HODDER, I. 1999. Archaeological Process: An Introduction. Oxford: Blackwell.
- LEMOS, C. M. 2014. Se me der licença, eu entro; se não der, eu vou embora: Patrimônio e Identidade na comunidade quilombola Chacrinha dos Pretos (Belo Vale/MG). Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- LAPLANTINE, F. 2004. A descrição Etnográfica. São Paulo: Terceira Margem.
- LIMA, T. A. 2011. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v.6, n. 1, jan-abr, pp. 11-23.
- MARCONI, M.A; PRESOTTO, Z.M.N. 1992. Antropologia: uma introdução. São Paulo: Atlas.
- PELLEGRINI, A. 1990. Folclore Paulista. São Paulo: Cortez.

SHANKS, M.; HODDER, I. 1995. Processual, post processual and interpretative archaeologies. In: Hodder, I. et al (ed). *Interpreting Archaeology: Finding Meaning in the Past*. Londres: Routledge, pp.3-29.

SANTOS, G. 2009. *Cultura Popular e Tradição oral da festa de São Gonçalo*. Salvador: Beira Rio.

SILVA, V.L. 2017. *Arqueologia pública, memória e valorização do patrimônio cultural em um território quilombola: estudo de caso da Roda de São Gonçalo na comunidade Lagoa das Emas, São Raimundo Nonato – PI*. Monografia. Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), São Raimundo Nonato-PI.

VIANNA, L. R. 2006. Patrimônio imaterial: legislação e inventários culturais. A experiência do Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular. In: IPHAN. *Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectiva*. Rio de Janeiro: Iphan; CNFCP, p.15-25. (Série Encontros e Estudos, n. 5).

VIEIRA, B. V. F. 2015. *O Sítio “Lagoa de São Vitor” sob a ótica da arqueologia da paisagem: Cultura material e marcos paisagísticos (sudeste do Piauí)*. Monografia, Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), São Raimundo Nonato-PI.